



PALMIRA CECANI, atual «Reginetta de Roma» e primeiro premio do concurso de beleza de 1912 na Cidade Eterna

N.º 368 Lisboa, 10 de Março de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ann 4400—Semestre, 24400—Trimestre, 12200

Illustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Dirêtor e Proprietario: J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

GRATIS AOS HERNIADOS

Um methodo simples que tem curado centenares de pessoas, sem Dôr, sem Perigo, sem impedir o trabalho e sem perda de tempo

OFFERECE-SE A TODOS UMA EXPERIENCIA GRATUITA

A hernia (quebradura) é curavel sem operacão, dôr, perigo ou perda de tempo. Quando dizemos curavel, não queremos dar a entender que a quebradura possa unicamente reter-se, mas sim que se effectua uma cura que permite deixar de usar fundas.

A fim de levar a todos o convencimento de que a nossa descoberta pode effectivamente curar, pedimos que façam uma experiencia, que nada lhes custará. Curar significa fazer cessar todo o soffrimento, augmentar o vigor physico e mental, a facilidade de gozar de novo as delicias da vida e muitos annos de bem estar e satisfação acrescentados á vida. Offerecemos gratuitamente uma amostra do nosso tratamento, que tem curado em centenas de casos.

Não é necessário mandar dinheiro; basta preencher o coupon que se segue, indicando no desenho a posição da quebradura, e mandando o coupon. Ninguém deve desculdar, um só dia, este importante assumpto, nem continuar a atormentar-se com fundas compradas leitas, baratas e communs.

Esta offerta é a mais equitativa que se tem feito e todos os que padecem de hernia a deveriam aproveitar immediatamente.

COUPON (S 161.).

Marque-se nesta illustração a posição da quebradura e responda-se ás perguntas. Em seguida corte-se o coupon e mande-se ao **Dr. W. S. Rice, 8 e 9, Stanneuter Street, Lon. res. E. G.**



Que estade tem?

Incomoda-o a quebradura?

Usa fundas?

Nome

Domicilio

MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL PARIS 1000



DIVINIA

Parfumerie F. Wolff & Sohn
Karlsruhe

Um perfume tortissimo de inexcêdível aroma n'um frasco muito elegante de cristal finissimo.

Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (M bergaria-a-Veilha). Installadas para uma producção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. T e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:* LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

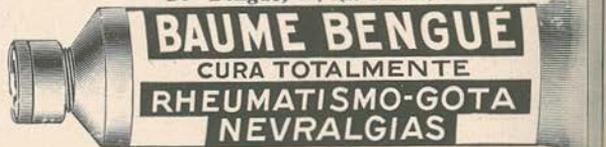
Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephonico: Lisboa, 605 — Porto, 111

Escola Politechnica
Frankenhausen (Allema-
nha)
Construções de machinas, geraes e agricolas;
Electrotechnica e architectura

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
= EM TODOS OS GENEROS
Of. da ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA
R. do Seculo, 43—LISBOA

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias



Comprem os Bordados

Schweizer

que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS Desde fra. 5.80

VESTIDOS Desde fra. 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA Desde fra. 6.75

do melhor bordado suizo, sobre batiste, velle, tulle, crêpon, marquissette, lã e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINGS FRANCO

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confeccionar mas enviamos os padrões cortados para todos os nossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C^{IE}
LUCERNE A 22 (Suissa)

Comprem as **Sedas Suissas**



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Etienne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin; 120 cm largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr, bem como das bluzas e vestidos bordados em batista, lã, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porto no domicilio

Schweizer e Ca, Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedores da Corte.

A POESIA DAS AGUAS



A agua dá a certos recantos da serra um subido cunho de beleza e de poesia.

Onde uma nesga de terreno seja este- ril, a agua torna-a vicejante; na aridez d'uma planície, origina o decantado oasis; na clareira agreste d'um pinhal forma a varzea fecunda e sempre verde; perdida no contorno assombreado d'al- gum vale é a evocadora d'um adeus de maguada saudade trocado entre dois na- morados.

Gorgolejando nos declives zig-zague- ados d'uma encosta, lembra o rufiar de azas de pombas brancas rastejando so- bre a terra, e caída em fios de prata, so- bre o rebate de pedra d'uma fonte de al- deia, parece desfiar uma l'turgia de pai- xão e de desejos.

Que o diga o peito ondulante das sa- maritanas gentis que á tardinha, sequio- sas de sêde, vão á fonte encher a can- tara.

Emquanto enchem vão colhendo nas margens da valeta proxima um lirio ou um malmequer.

Quantas, quantas vezes na delicia de afazer a inocente flôr, lá lhes fica esque- cido o coração!..

Pois se não ha por todo este Por- tugal uma só aldeia que não tenha



1. Nas aguas da aldeia: a sereia d'uma azenha.—2. Nas aguas do Vouga. Atravessando a ria de Ilhavo.



uma sua fonte dos amôres! Eu não sei de terra onde não as haja visto, sempre guarnecidas de moçoilas esbeltas *esperando a vez*. E, até se no ardente estio sucede a fonte secar, às horas esmorecidas do entardecer, a fonte tem sempre junto a si a figura airosa d'uma mulher. Não é decerto a sêde de agua que ali a leva, mas sim a



sêde do amor. Se a fonte é dos amôres!

Deixemos o amovavel trecho da paizagem. Se apouco e pouco concebermos a agua alargar cada vez mais o curso da sua corrente, formando aqui uma levada, além um regato, ainda n'este seu deslizar monotonoo cada gota de agua se



1. a vaga. Ilhavo.—2. Nas aguas de Vouga.—3. No Tejo: Ponte dos torpecos.

reveste d'uma intensa palpitação de vida, porque então abrange em si mais alguma coisa do que propriamente lhe pertence:—espelhana sua superfície uma nésga do céu, reflete a sombra de uma nuvem que passa, desenha o esfumado duns ramos de arvore, esboça a fugidia cintilação das estrelas...

E assim cada molécula líquida parece denunciar-nos uma ancia amorosa de impetrar a vida, de colaborar na obra prima da Natureza, ungin-do de sonho e de graça o mais humilde limo de argila que por ela seja tocado.

A agua realiza esta sua pacífica missão banhando as planícies, inundando as lezírias, fecundando os campos, germinando as sementes, gerando a flôr, criando o fruto, produzindo o pão, dando-nos, emfim, a riqueza vegetal.

A levada já não é levada, nem o



1. A caminho da fonte e uro do Wal-

do idílio. Copia do qua-merberg.

E' a primeira vez que a agua ousa beijar a terra povoada.
Um beijo da agua?!...

regato já é rega-to.

O anceio da fisiologia molecular da agua toma feição diferente. procura exprimir-se n'uma nova forma. As aguas não se contentam só em refletir o céu, em burilar a paisagem aldeã, em comungar essa existencia toda silencio e toda enlevo que os campos nos oferecem.

O regato tornou-se rio. Espraiou-se mais e mais no colo intumecido da sua amada — a terra — e mais e mais lhe conquistou a posse.

Cava então mais fundo o leito onde corre, talvez na ancia de melhor gozar todo o apaixonado sensualismo que lhe oferecem os flancos lascivos da terra, sua noiva.

Delicia-se em contornar o seio alacre d'uma vilazita, rendilha-a de sorrisos, afaga-a n'uma espuma de beijos.



2. O Tejo perde-se no oceano.

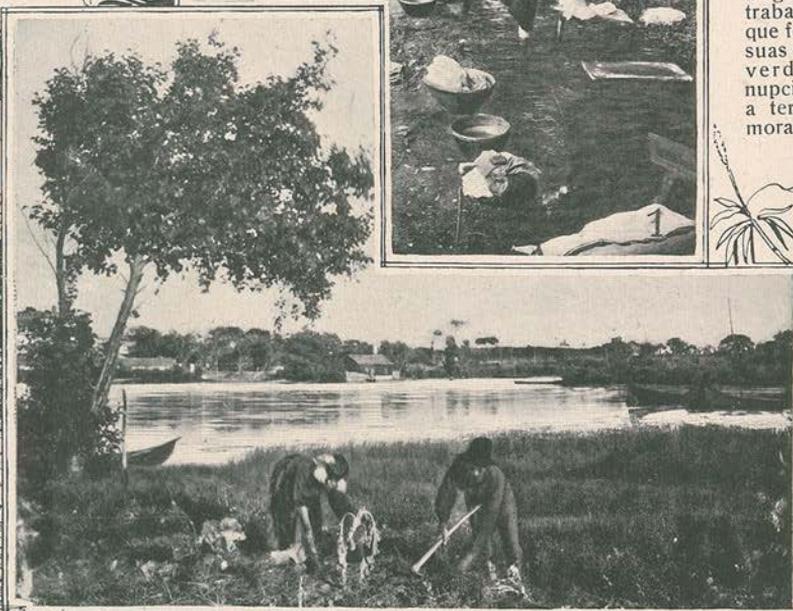
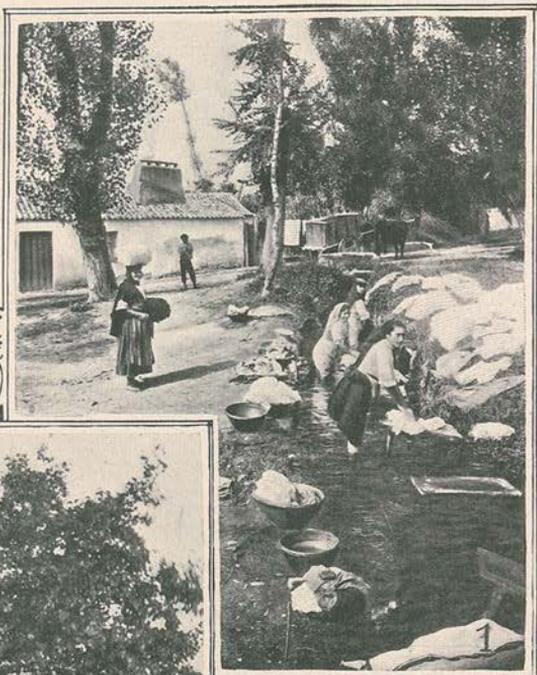
Sim! Que é a primeira vez que n'um leve panejamento da sua superfície, n'uma entrecidada ondulação, ela depõe sobre a margem habitada a nota alvarescente da sua energia, transformada n'essa subtilíssima renda de espuma.

Esse beijo traduz a confissão ardente de toda a ternura de sonho em que até aqui a água tem andado envolta, e que só agora ela se decide segredar á vida feliz onde certamente alguma coisa vive que mereça o testemunho d'esse galanteio, a poesia romanesca de tão immaculado afeto.

Torna-se continuo e dolente o arfar das águas desde esse instante.

Se, até aqui, na água existia um não sei quê de receio e timidez que não lhe deixava expandir toda a sua paixão pela terra, agora a água não se cansa de fazer do murmúrio das suas ondulações um poema de beijos, uma sublime canção de amor.

Por toda a parte espalha para o espaço o sussurro cadenciado das suas ondas, mostrando assim a epopêa de alegria e de trabalho com que festeja as suas horas de verdadeiras nupcias com a terra enamorada



1. Nas águas da fonte Ermida.
2. Lavoura e amor: Vista Alegre.

São lindíssimos os trechos de paisagem que a água d'esta fôrma poetiza.

A água, porém, não se cansa de rastrear.
O rio sulcou interstícios de montes,
errou pelos vales, esborouo despenhadei-

ros, vagueou entre charneças, desenhou largas cintas de lezírias, rendilhou os labirintos d'um delta, esprou-se n'um estuario e encontrou-se junto d'uma cidade!...

Doloroso encontro!

Assumiu então um ar senhoril e banal, a agua simples que vinha descendo lá da longinqua aldeiasita.

Rodeada d'um cenario de esplendores e de opulencias, começa a partilhar tambem bem a vida espetaculosa do progresso e do artificio, porque o progresso citadino lhe faz totalmente perder a singeleza do seu viver, a poesia enternecedora da sua alma, tão tipicamente reproduzida em cada

mes casarias; industrialisa-lhe toda a energia, toda a beleza, rasga-lhe o seio com quilometros retilineos de muralhas; desnuda-lhe o manto magestoso das suas ondulações com as reticencias grosseiras de pérgões enormes, sustentando pontes, e por fim, desnastrilie a virgindade das suas moléculas com o perpassar pesadissimo de navios colossaes que a atravessam constantemente.

O progresso é a desvirginização da Natureza. Olhando as aguas da cidade, em todo o arcabouço lodoso que elas cobrem, entristece-me, ás vezes, nem um só momento vêr o simulacro d'um floco de espuma a afagar, no enlevo d'um beijo, o



A agua arquiteta. Ihavo.

palmo de terra por onde tem singrado. A paisagem finda então o seu ciclo de encantos. Por sua vez, a agua finda o seu poema de nupcias e abre o capitulo prosaico d'uma nova existencia, mas d'uma existencia incarcateristica e sem ideal, o verdadeiro contraste d'esse amavel «ménage» em que a temos visto florescer alegre e descuidadamente nos logarejos sorridentes dos nossos campos.

A agua interceptou bruscamente a sua carreira de amor pela terra, e lança-se, por assim dizer, na aventura de *novos amores*.

E' desviado seu curso pela mão do homem; este vende-lhe a superficie luminosa para espelho de desfor

granito das muralhas, a crusta ferruginea das pontes, a epiderme enegrecida dos trasatlanticos! Um beijo de espuma!

Se a agua, ali, já não sente amor para o formar!

Quantas vezes, n'um maguado desalento, ela evocará a vida de outr'ora, quando, dia a dia, nas humildes margens do charco, junto á fonte, fazia desabrochar os lirios e os malmequeres e acendia o amor e a paixão no peito das samaritanas.

Os lirios... os malmequeres...

E' n'eles pensando, talvez, que a agua correndo, correndo, entra por fim, no seio vastissimo do Oceano.

António Maria Lopes.



FIGURAS E FACTOS



O general sr. Saturio Pires foi um dos mais distintos officiaes do nosso exercito, tendo exercido commissões de servico importantes com o maior brilho.



O sr. dr. Rodrigues Braga, medico da Armada, era um espirito vivo e entusiasta e um distincto o'lonia', tendo sido commandante de Antonio Fines.



1. Os srs. dr. Carlos Lopes, Carlos Alcada e José Casimiro, accusados de conspiradores, diante do tribunal marcial.—2. Sr. general Saturio Pires, recentemente falecido.—3. Sr. dr. Rodrigues Braga, recentemente falecido.—4. A conferencia de Cristovão Aires, filho, no Chiado Terrasse, a que assistiu a primeira sociedade de Lisboa e que se intitulou *Aspetos Lisboetas*.—5. A caminho do cinematografo: O conferente conversando com uma das espétadoras.



1. Um grupo de socias da Liga Republicana das Mulheres, no dia da celebração do 4.º aniversario da instituição.

Finda a comemoração, foram distribuidos fatinhos ás creanças e houve um farto bodo por entre os vivas á Republica e os acordes da *Portugueza*.

A Junção do Bem vae continuando assim, brilhantemente, a tarefa que se impoz, cuidando dos desvalidos e dos infelizes, auxiliando nobremente a Assistencia Publica.



A Junção do Bem é uma prestimosa associação de caridade, fundada com o intuito de proteger as creancinhas e que já tem prestado relevantes serviços á Assistencia Publica, conforme o demonstraram os oradores que tomaram parte na festa ha dias realisada e na qual se celebrou o primeiro aniversario d'esta benemerita coletividade.

Representantes dos diversos ramos da sociedade e das varias funções do Estado compareceram na solenidade, onde o sr. ministro do interior declarou que cuidar da creança é preparar os destinos da patria, o que a Junção do Bem realisa, e o sr. Rodrigues Simões, delegado do municipio, saudou, como já o fizera o diretor da Assistencia Publica, aquele nucleo, organizado de tão bela maneira e ao qual preside o sr. Francisco Barreto.



2. As creanças a quem foram distribuidas roupas pela Junção do Bem, coletividade que celebra o seu 4.º aniversario em 2 de março, tendo presidido o sr. governador civil de Lisboa—3 A direção da Junção do Bem.

As sufragistas inglesas, nas suas reivindicações, produziram em Londres alguns tumultos, tendo também tentado destruir a casa de Loyd Georges, a quem acusam de ser um dos seus terríveis inimigos.



1. Loyd Georges, cuja casa as sufragistas tentaram incendiar.—2. Mistress Pankhurst, diretora do movimento sufragista, que se declarou responsável pelos atentados cometidos pelas sufragistas inglesas saindo do tribunal.



2. Agentes da guarda cívica de Lourenço Marques que procederam ao recenseamento da população dos subúrbios da cidade: 1.º plano, chefe da zona sr. Henrique Settas. 2.º plano da esquerda para a direita: srs. Rafael, Caio, Robalo, Ribeiro, Caiado, Sequeira, A. José, Marcelino, Lopes, Leitão, Guimarães e Tavares.

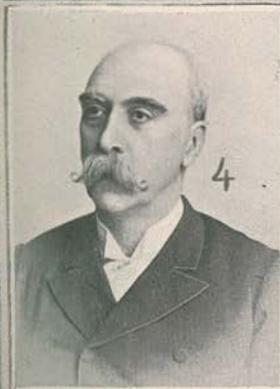
O ator Mendonça Carvalho conseguiu em bem reduzido tempo as atenções do publico. A cena portugueza está tão pobre de elementos de valor que bem precisam ser apoiados aqueles que, como Mendonça Carvalho, se dedicam com intelligencia e entranhado amor á sua arte.

A segunda edição das *Cartas d'Amor*, do illustre romancista Teixeira de Queiroz, vem demonstrar como entre nós ainda se aprecia a boa litteratura, as paginas d'arte pura como são as d'esse livro magnifico do autor de tantos outros trabalhos que obtiveram um grande successo.



2. O distinto ator Mendonça de Carvalho, que realizou a sua festa artistica no Ginasio onde ultimamente tanto se tem destacado.

3. A atriz Leonor Faria, que após dez mezes d'ausencia da cena reapareceu no Republica obtendo grande exito na *Primerose*.



1. O illustre escritor Teixeira de Queiroz, autor do bello livro *Cartas d'Amor*, cuja 2.ª edição acaba de apparecer.—4. Sr. dr. Abilio Xavier d'Almeida, recentemente falecido.—5. Sr. dr. João de Vasconcelos Carneiro e Menezes, recentemente falecido em Marco de Canavezes. 6. Contra almirante sr. Antonio de Carvalho Brandão, recentemente falecido.

OS JORNALISTAS INGLEZES EM PORTUGAL

NO ALGARVE (MONCHIQUE)



1. O sr. Baker, secretario da Bristh Association ◊, em Monchique.—2. Estrada de Monchique.—3. Partida da cavalgada de Monchique.

Em Faro

Uma das cousas que mais impressionam os jornalistas inglezes na sua viagem ao Sul foi, sem duvida, as ruinas de Milreu onde ha acentuados vestigios romanos que foram cuidadosamente analisados, mostrando-se os nossos hospedes curiosos da historia d'aquelle povoado. Infelizmente não succede com as ruinas de Milreu o mesmo que com as de Citania, onde



1. Algumas senhoras de Faro que assistiram ao «lunch» oferecido aos excursionistas.
2. Entrada em Faro, vindo-se á frente o automovel com a comissão das festas.
3. As moçoilas que serviram á mesa.

declararam bastarem essas maravilhas, á beira de Guimarães, para se formar uma verdadeira corrente de turismo, afim de se conhecerem de perto. Em Faro, foram recebidos os excursionistas com grandes manifestações de simpatia.





1. Senhoras portuguesas e inglesas na alameda, em Faro.—2 e 3. Trechos da Praia da Rocha, onde os excursionistas estiveram.—4. Nas ruínas de Milreu. Dentro do grande edificio romano.



1

Em Lagos tiveram os excursionistas ingleses um belo acolhimento, não só por parte dos elementos officiaes mas tambem do povo da cidade e arredores. Ficaram



2

encantados com as belezas da praia da Luz, onde, dentro em pouco, se vae construir um magnifico hotel, o que atrairá numerosos visitantes para as belezas da região.



3

1. Os excursionistas no alto da Trindade.—2. Junto á columna romana, nas ruínas de Milreu.—3. Chegada a Lagos.

A Casa Portuguesa

Um dos mais belos espécimens de casa portuguesa é, sem duvida, a do sr. José da Costa Pereira, em Loivo, perto de Cerveira e que reproduzimos, completando assim o



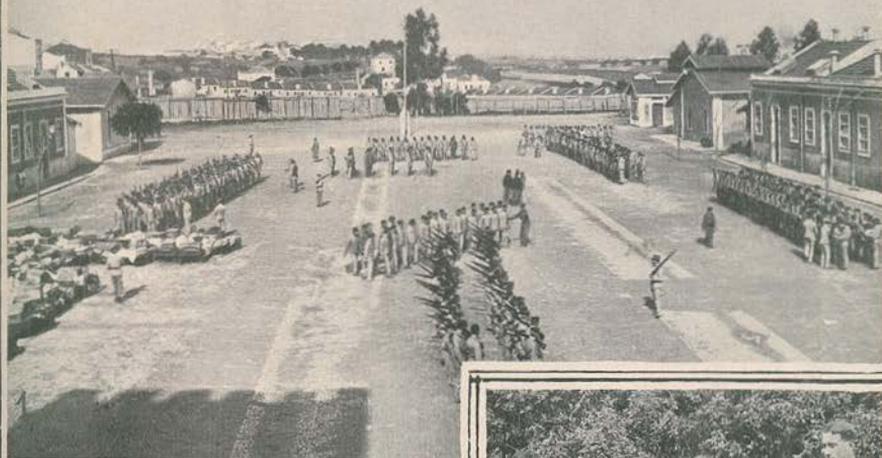
1. A casa d'Aldeia em Loivo, Vila Nova de Cerveira, pertencente ao sr. José Antonio da Costa Pereira.

artigo ha dias publicado sobre o assumpto. Como se vê, esta propriedade é um exemplar excelente das construções portuguezas e digno de figurar n'esta publicação especialmente dedicada á vida nacional nas suas varias manifestações.



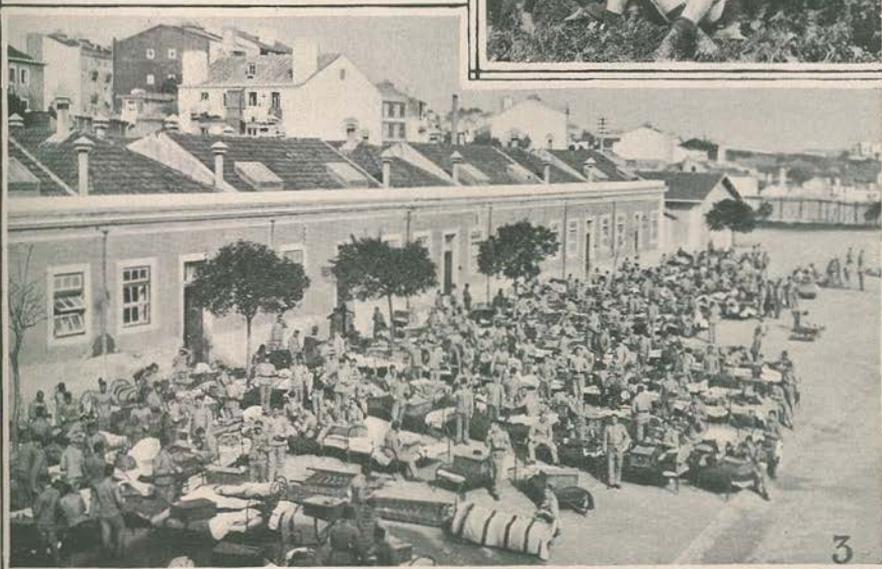
2. A casa de jantar na casa da Aldeia.—3. Outro aspéto da Casa d'Aldeia.

Os novos recrutas de engenharia



Os novos recrutas d'engenharia foram recebidos no regimento com grande carinho e cordealidade, o que é agora a norma dos militares para os recém-vindos, a demonstrarem-lhes como fraternalmente devem servir a patria e o regimen.

Os soldados permanentes timbraram na recepção dos seus novos camaradas.



1. Uma parte dos recrutas recebendo a instrução.—2. Equipe de foot-ball dos recrutas e praças do quadro permanente.
3. Um refeitorio ao ar livre n'um dia de limpeza geral.—(Clichés do sr. Esteves, 2.º sargento do regimento.

COSTUMES PORTUGUEZES



Vendedor do *Seculo* e da *Ilustração Portuguesa*.
(Cliché do ilustre amador fotografico sr. Albino Pereira de Carvalho)



Costumes Portuguezes: Aldeã de Santa Marinha.
(Cliché do illustre amator fotografico sr. Albino P. de Carvalho)

A PESCA DO BACALHAU.

cassem á sua pesca n'essas paragens, ao abrigo d'esse celebre tratado.

As tragicas viagens dos Corte-Reaes, nos primeiros anos do seculo XVI, tiveram como consequencia o descobrimento da *Terra Nova dos Bacalhaus*, como lhes chamam os documentos, em cujos bancos iniciámos desde logo as pescarias. D. Manuel, em 1506, por alvará de 14 de outubro, dirigido a Diogo Brandão, manda que este faça arrecadar para o Real Erario o dizimo do *pescado da Terra Nova*, que entra pelos portos da provincia de Entre Douro e Minho.

Em 1520, o mesmo rei faz doação ao fidalgo minhoto João Alvares Fagundes d'essas terras, e foi em virtude d'esta doação que, entre aquelle ano e o de 1525, se estabeleceu na Terra Nova, com gente de Via-



Nós, portuguezes, manifestámos sempre grande predileção pelo *nosso fiel amigo*: o bacalhau, e, talvez, por via d'ele, iniciámos as amistosas relações diplomáticas com a *nessa fiel aliada*: a Inglaterra!

Com effeito, no meado do seculo XIV, as cidades de Lisboa e Porto celebraram, com Eduardo III de Inglaterra, o importante tratado de 20 de outubro de 1353, que estabelecia, durante cincoenta anos, o direito reciproco de pesca nas costas de Portugal, da Inglaterra e da Bretanha, que n'essa epoca estava sob o dominio inglez. Ora, sendo o bacalhau uma especie que se encontra em alguns pontos da costa ingleza, é possível que já n'essa epoca os portuguezes se dedi-



na do Castelo, Aveiro e da Terceira, a celebre colonia do Cabo Bretão.

Desenvolve-se então extraordinariamente a



1. Navegando para o banco da Terra Nova—2. Um dory—3. Um bacalhau monstruoso, junto dos tanques de lavagem.

pesca do bacalhau, havendo notícias de serem armados para ela grande numero de barcos nos portos de Viana e Aveiro. As guerras da rainha Izabel e dos holandezes contra a Hespanha, em tempo de Filipe II, afugentaram os portuguezes e hespanhoes dos bancos da Terra Nova, mas já em 1578, diz Pakhurst, o numero de navios portuguezes que a ela se dedicavam não era superior ao dos navios inglezes, e, segundo o testemunho de Forster, em 1598, ainda lá mandavamos umas cincoenta embarcações.

No periodo da decadencia, abandonámos por completo esta pescaria, sendo n'ela substituidos pelos inglezes e francezes, que por muito tempo debateram os seus direitos sobre ella em melindrosa e prolongada questão diplomatica, a que só ha poucos anos poz termo o accordo de 8 de abril de 1904, uma das bases da *entente cordiale* entre as duas nações.

Só mais tarde, já no seculo XIX, a Companhia Lisboense de Pescarias fez renascer, entre nós, esta industria, chegando a obter bons proventos nos anos de 1841 e 1842. Segue-se novo periodo de decadencia até que a Companhia liquidou em 1857. D'este ano até 1882 a exploração foi completamente nula: de 1883 a 86 fazem-se novas tentativas, armando-se alguns barcos, o maximo 14, nos portos de Lisboa, Porto, Viana e Açores.

Em agosto de 1885 levantaram-se duvidas na alfandega de Lisboa sobre se ao bacalhau pescado por navios portu-



1. Taboleiro de seca na Murraceira — 2. Pescador com o seu traje encherado para a pesca.



guezes devia aplicar-se o imposto geral do pescado ou a taxa de 33,5 réis por kilo da pauta geral em vigor, chegando-se á conclusão, depois de muitas reclamações, como diz a celebre portaria de 14 de abril de 1886, que sobre o valor declarado do bacalhau pescado em taes condições fosse cobrado apenas o imposto do pescado, 6,6 % *ad valorem* e respectivos adicionais, ficando, porém, a *pescaria limitada aos navios que no ano de 1885 andassem empregados n'ella!* E, sendo esses navios apenas doze, a este numero teve de restringir-se d'aí em diante a industria portugueza!

Manteve-se este estado de coisas até 1901 em que, a ins-

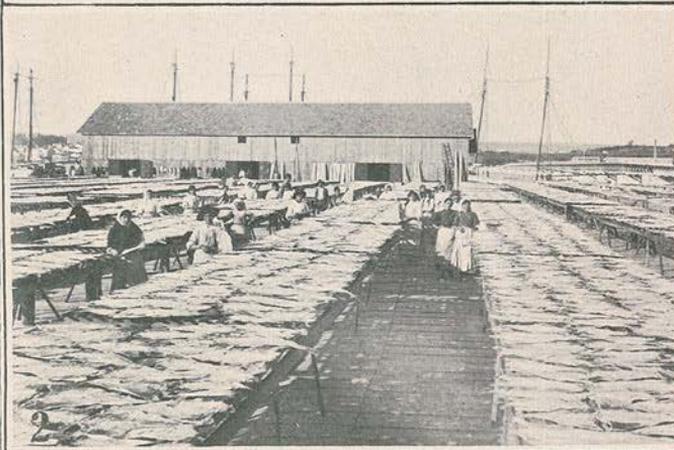
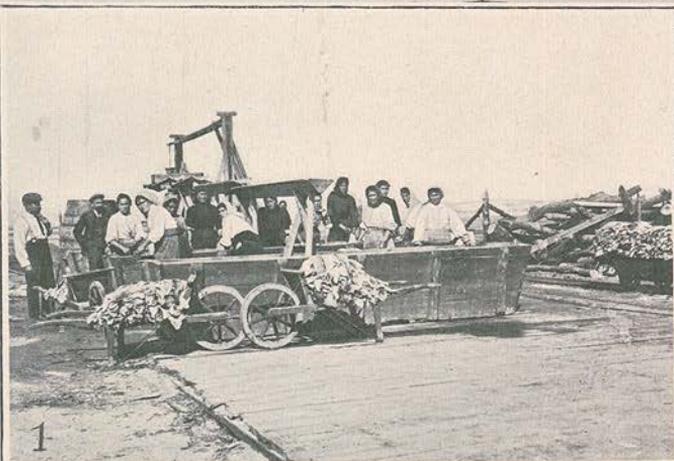
tancias da Associação Commercial de Lisboa, a quem a benemerita Liga Naval deu todo o seu patriótico apoio, o parlamento votou a lei de 12 de junho d'aquelle ano, que sujeita ao imposto de 12 réis por kilo o bacalhau fresco, em salmoura ou simplesmente salgado, pescado por navios portuguezes com tripulação completamente portugueza: voltáramos ao *regimen equitativo da liberdade de pesca*, acabando de vez com um monopolio odioso, mantido ao abrigo d'uma simples portaria! Quaes os beneficios effeitos d'um tal regimen, eies são bem patentes nos ótimos resultados que acusa o extraordinario progresso d'esta industria nos ultimos annos. As estatisticas de 1902 a 1910 mostram uma media geral de 18 embarcações que pescaram 3:724 toneladas de bacalhau, no valor de 223:556 contos de réis anualmente. Mas os resultados ressaltam ainda com maior eloquencia se examinarmos os pro-



3. Transporte do bacalhau fresco dos taboleiros de seca para os armazens na Murraceira.

gressos da industria local na Figueira da Foz: em 1901-1902, tres navios apenas pescaram 517.330 kilos de peixe com o valor de 41.386\$000 réis, aumentando sempre progressivamente o numero de embarcações e o produto da pesca que, em 1911, empregou 13 navios que pescaram 2.120.263 kilos, com o valor de 212.026\$300 réis, oferecendo uma ótima remuneração ao capital empregado. Em 1912, Portugal mandou a Terra Nova 34 navios, foi o maximo até hoje atingido. Tem, pois, esta industria sempre constantemente progredido, e conta um larguissimo futuro, sendo, dentro em pouco tempo, uma das mais prosperas do nosso depauperado organismo economico.

*
Os navios que se destinam á pesca do bacalhau largam, em geral, dos portos portugueses em principios de maio, singrando com rumo aos Aç-



1. Lavagueiro do bacalhau da Companhia Africana de Pesca, na Murraceira.
2. Grande secadouro, junto á ponte, sobre o Mondego.

res, e, chegados á vista d'aquelas ilhas navegam então a oestenoeste até ao grande banco, que está situado ao sueste da ilha da Terra Nova, á distancia de umas 25 leguas, tendo mais de 200 leguas de comprimento por 60 de largo, com fundo desde 20 até 76 braças.

O navio fundeia logo que chega ao banco e o prumo acusa fundo de 25 a 30 braças, mas o fundeadouro não é fixo, deslocando-se geralmente o barco do sul para o norte durante a temporada da pesca.

Arreeiam-se então os *dorys*, as embarcações de que se servem os pescadores: são pequenos barcos de construção americana, cujo compri-

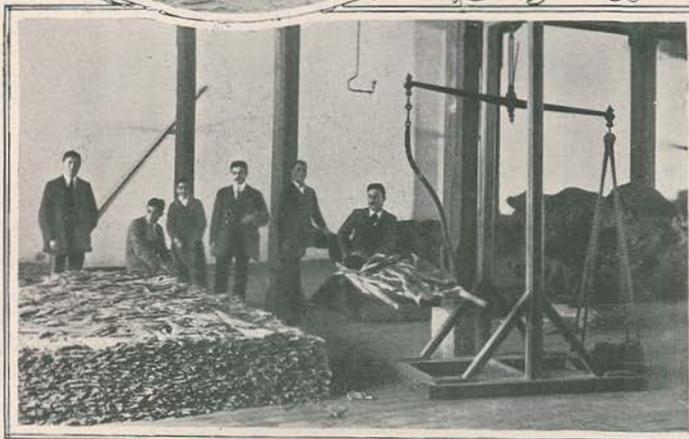
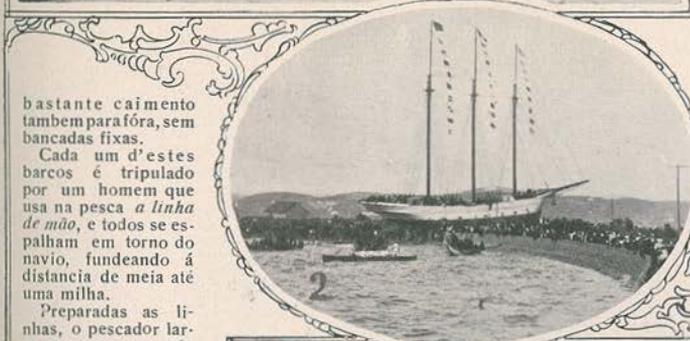
mento varia entre 4 e 5 metros, o fundo é chato e fusiforme, a borda bastante inclinada para fóra, a roda de proa e a pôpa com

de novembro. Faz-se então em terra a secagem do peixe, em estabelecimentos com instalações próprias, preparando-o convenientemente para o consumo.

A secagem do bacalhau é uma operação delicada porque é preciso evitar a chuva, e ela se realiza justamente durante a estação invernos: o peixe recolhe-se quasi sempre á tardinha para ser exposto novamente de manhã. E' labuta que se prolonga por muitos mezes, devendo estar concluida em fins de fevereiro, porque em março a temperatura já é muito mais elevada, facilitando a decomposição do peixe.

Depois de seco vae para os armazens de comercio onde o consumidor o procura com o interesse d'um verdadeiro apreciador, e, sendo a entrada media annual de bacalhau no nosso paiz de 21 milhões de kilos, se computamos o numero de familias portuguezas em um milhão, achamos que meio kilo de bacalhau pelo menos entra na alimentação de cada familia em cada semana!

A. MESQUITA
DE FIGUEIREDO.



bastante caimento tambem para fóra, sem bancadas fixas.

Cada um d'estes barcos é tripulado por um homem que usa na pesca a linha de mão, e todos se espalham em torno do navio, fundeando á distancia de meia até uma milha.

Preparadas as linhas, o pescador larga-as uma para cada lado do dory e espera, de pé, que o peixe pique. Logo que o barco está carregado regressa a bordo, começando geralmente a faina ás 5 horas da manhã, atracando ao navio cerca do meio dia, para voltar á uma hora para o mar, dando finalmente por concluido o trabalho da pesca ao pôr do sol. Segue-se depois a escaia e salga do peixe, que usualmente se prolonga até ás 9 ou 10 horas da manhã, havendo, comtudo, occasões em que só finda ás 2 ou tres horas da madrugada, em virtude da pesca ter sido abundante.

Logo que chegase-tembro e o tempo arrefece, os navios, fugindo ao inverno, recolhem aos portos de partida, onde chegam geralmente de meados de outubro a meados

1.—Condução do bacalhau da Murraceira para a venda, nos armazens da Figueira da Foz.—2. Lançamento ao mar do navio bacalhoeiro *Golfinho*, construido em 1911 na Murraceira.—3. Pesagem do bacalhau no armazem Laidley, na Figueira da Foz.

∴ ∴ **VIDA COLONIAL** ∴ ∴
Uma recita do Club de Inhambane



Os ocios em Inhambane não se passam apenas nos exercícos desportivos, na caça e no passeio. Também se dedicam ao teatro alguns dos nos-



sos compatriotas ali residentes e bastantes recias teem dado com grande concorrência, obtendo muitos aplausos e felicitações dos seus convidados.



1. A cena 2.^a do 1.^o ato da peça *Quem manda são elas*.—2. Sr. Adelino Lima, autor do vaudeville *Quem manda são elas*—(Cliché do fotógrafo amador sr. A. Moura)—3. No atrio do Club: O grupo dramático que desempenhou o vaudeville *Quem manda são elas*.

EXPOSIÇÃO JOSE CAMPAS

NO SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Abriu a exposição do distinto pintor José Campas, no salão da *Ilustração Portuguesa*. Uma concorrência seleta, formada por amadores de pintura e por artistas, encheu a vastíssima sala, tendo adquirido muitas das magníficas telas expostas e nas quaes o artista revela todos os seus incontestáveis progressos. O quadro *Valsa chalupée*, que é a impressão de um *cabare* de Paris, atraiu muito as atenções pela execução das suas figuras.

Uma das mais bem traçadas é, sem dúvida, a que, no fundo do quadro, se encosta á meza, olhando atentamente, enquanto o *apache* agarra nos seus braços a mulher, dobrada nos compassos d'essa dança estranha e quasi sinistra.

Como contraste surge uma outra tela intitulada *La Tasse de Thé*, que é d'um ambiente elegante, dando-nos uma curiosa impressão de quietação e conforto e tendo graciosidade na composição.

Oitenta e tres quadros feitos em França, na Italia, na Holanda e em Inglaterra, como em Portugal, paisagens, composições, retratos, compõem essa exposição digna de



ser vista e na qual um artista portuguez, que a *Ilustração Portuguesa* tem seguido desde os seus primeiros passos na arte, afirma as suas qualidades de talento e de trabalho nos varios generos que abordou.

São muito dignos de nota, entre outros, os quadros, retrato de Bulhão Pato, expressivo como nenhum dos que existem do poeta e uma figura de italiana, com o seu bandolim, de veras pitoresca.

O sr. José Campas tem progredido, não ha duvida.

E' hoje um artista feito, que junta a totalidades combativas que lhe assegurarão, sem duvida, o mais completo triunfo.

Dentro em pouco o distinto pintor parte para a Argentina, onde vae instalar outra exposição dos seus trabalhos, que terão a devida recompensa, como é de esperar.

Areabertura do salão da *Ilus-*

tração Portuguesa constituiu um verdadeiro acontecimento de arte no nosso meio que a ela se dedica.



1. O pintor José Campas—2. O retrato do poeta Antonio Correia d'Oliveira—3. O poeta Bulhão Pato (ultimo retrato do poeta).



4. Declarações... (Padua).



Lutando pela vida.



La valse de Chalupée.—(Clichés de Benoliel)



1. Aspetto do publico visitando a exposição José Campas no salão da *Ilustração Portuguesa*.



2. Outro aspecto da exposição—(Clichés de Benoliel)

ASPECTOS DA VIDA ELEGANTE EM ROMA

AS CORRIDAS DE CAVALOS

Estão a terminar as corridas á rãpõsa. Agora, a vida elegante de Roma como que mudou de cenário, transferindo-se dos campos acidentados da *Torie Annunciata* para os viçosos prados dei *Parioli*, onde se realisam as corridas de cavalos.

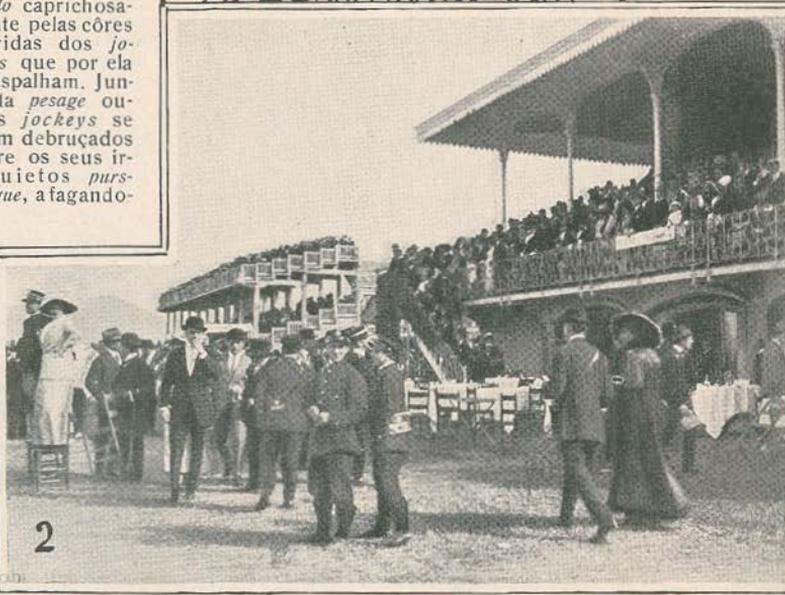
O *Ipodromo dei Parioli*, distando apenas alguns kilometros da cidade, é de facil acceso e muito bem situado. A pista, formando uma oval irregular, assemelha-se, n'esta epoca, a um grande tapete de verdura manchado caprichosamente pelas cores garridas dos *jockeys* que por ella se espalham. Junto da *pesage* outros *jockeys* se veem debruçados sobre os seus irrequietos *purs-sangue*, a fagando-



os ou escutando, atentos, conselhos dos *sportsmen* interessados no resultado das corridas que se vão d'ãi a instantes disputar.

A *Pesage* é o *rendez-vous* obrigatorio da sociedade elegante, a qual, como é praxe inalteravel em taes certamens, nunca se dispensa de observar curiosamente a attitude dos *jockeys* e a estampa dos cavalos mais réclamados.

E' na *Pesage* que, de ordinario, se trocam impressões sobre as corridas á *sensation*



1. Madame e mademoiselle Zanelli, duas mexicanas lindissimas e milionarias pertencentes á primeira sociedade romana.—2. Aspéto das tribunas reservadas durante as corridas.

da tarde. Ao pé da *restaurant* — ritrovo obrigatorio dos frequentadores do hipodromo. Nas elegantes mezinhas do *restaurant* sentam-se, em grupos, as damas e os cavalheiros que tem *aficion*, discutindo acaloradamente o programa das corridas e preparando as suas apostas, — enquanto tomam um refresco, um chocolate... ou o inevitavel chá com *bioches*.

Não muito longe da *Pesage* ergue-se, armada em ferro e sem luxo, a *tribuna real*, quasi

mas joias e rivalizando em *toilettes* dos mais afamados *costumiers* de Paris, Londres e Berlim.

Na *tribuna reservada* toma tambem logar toda a gente que em Roma é *alguem* e aquella numerosa *jeunesse dorée internacional*, que vem periodicamente passar o inverno á Cidade Eterna... só porque é necessario arejar o seu *snobismo* e é *chic* beijar o anel do Pontifice.

A cortejar as lindas *patricias* e as loiras americanas destacam-se os adidos de le



1



2

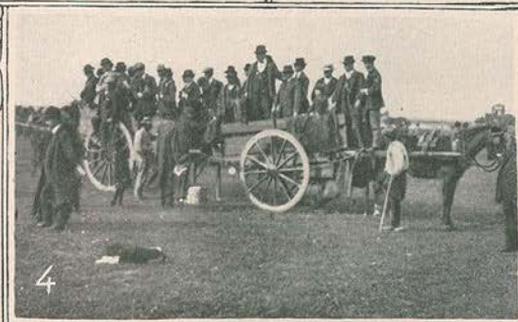


3

sempre occupada por Victor Manuel III e seus ajudantes; logo a seguir acham-se: a *tribuna reservada*, e as *tribunas burguezas*. Estas tribunas correspondem á *sombra* e ao *sol* das praças de touros.

E' na *tribuna reservada* que tomam logar, com a distincção adequada aos seus pergaminhos seculares,

as formosas *damas patricias*, de linhas e contornos esculpturales e tambem as lindas americanas, de olhos azues e somhadoras, cobertas de custosissi-



4

1. O grande industrial Florio e uma elegantissima dama—2. A principessina Di Scala, filha do sub-secretario d'estado dos negocios estrangeiros de Italia—3. Lina de Lisle, a conhecida cançonetista do *Salão Margarina*, de Roma, no hipodromo—4. As tribunas do povo ou as tribunas *dei portughesi*.

gação, atirando-lhes, amáveis e sorridentes, o seu *flirt* suplicante através o seu monoculo quasi protocolar...

O povo, em geral, não querendo comprar bilhete para as *tribunas reservadas*, aglomeram-se ao longo da pista, formando, aqui e além, grandes cachos humanos, ou encarrapitando-se por toda a

parte, especialmente em cima dos carros devolutos que encontra parados, esperando freguez para o regresso á cidade.

O vulgo chama a taes tribunas — circumstancia curiosa! — «as tribunas... dei portoghesi!...» Expliquemos a razão do dito: no vocabulario teatral italiano dá-se o nome de *portoghesi* a quem gosa qualquer espectáculo sem pagar, *de borta!*

As corridas de cavalos, em Roma, teem, como as touradas, as suas *piadas do s. l.* Assim, por exemplo, quando junto das tribunas dei *portoghesi* passa qualquer exagerado janota, ouve-se logo gritar:

«Gigi, per-
ché non vieni
alle corse?»

— Perché
c'io le scarpe
rotte!..

A *Società delle Corse* é a organisadora d'estes animadissimos certamens; e, graças aos seus esforços inteligentes e perseverantes, a *aficion hípica* augmenta em Romadeano para ano.

Não obstante tão assinalado entusiasmo, o *Ipodromo dei Parioli* ainda não produz receita sufficiente para cobrir a despesa que a *Società* faz — quer para imprimir ás corridas o requerido brilhantismo, quer para oferecer premios capazes de chamarem a attenção dos melhores *sportmen* nacionaes e estrangeiros.

Os premios, no corrente ano, atingem já a bonita soma de 750:000 liras.

O do municipio de Roma, sempre muito obstinadamente disputado, é de 50:000 liras. O mesmo succede com os premios

denominados *Regina Elena, dei Parioli, del Tevere*, etc., os quaes despertam enorme celeuma entre os *sportmen*.

Além dos premios pecuniarios, a *Società delle Corse* distribue alguns valiosos objetos de arte.

As corridas realisam-se, segundo o programa de 1913, tres vezes por semana... se o tempo o permitir; as *provas*

foram repartidas por trinta e quatro dias. O ultimo premio a conquistar é o denominado *Omnium*, que este ano é só de 50:000 liras, mas que em 1914 se eleverá a 100:000 liras.

Em Roma, como em Paris, fazem-se muitas apostas nas corridas de cavalos.

Toda a gente que vae ao hipodromo tem o seu palpitinho e não desiste de o manifestar praticamente, jogando no cavallo que lhe inspira mais simpatia. O povo que, em geral, por espirito de economia, como já notámos, não compra bilhete para as tribunas, t a m b e m aposta com especial entusiasmo.



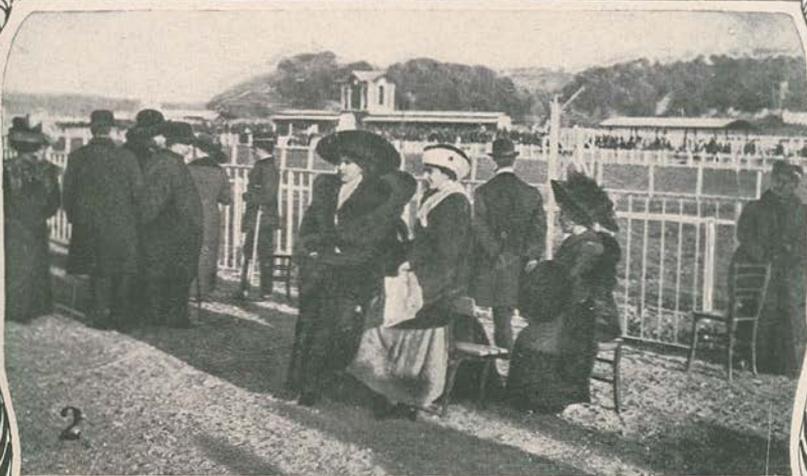
A baroneza Blanc e madame Menotti de Parioli com lindissimas *toilettes* de estação.

As corridas, pelo facto de se realisarem a alguns kilometros da cidade, dão ótimo pretexto a exhibirem-se as melhores equipagens das casas da aristocracia e ricas, e, igualmente, a que os *marial-*

vas evidenciem a sua coragem e dextreza, obrigando a caracolar, por entre os seus corceis de autentica raça *pur-sangue*, — tanto mais que, em Roma, apenas se usa passear a cavallo no campo, ou, então, para *trainage elegante*, na improvisada pista da *Vila Borghese*.

ma, tal qual sucede com a caça á raposa, uma nota mundana digna de particular registro.

Para aqueles que cultivam verdadeiramente o *sport hipico*, as corridas de cavalos *di Parioli* constituem um passatempo util e agradabilissimo; para os outros, que apenas cultivam tal *sport*



1. A tribuna real.

Em fim, como claramente ressalta das fotografias que ilustram este artigo, não se poderá negar que as corridas de cavalos dão, em Ro-



2. Na *resaca*: um interessante grupo de senhoras espera ansiosamente o inicio das corridas—3. O cavallo *Salvador Rosa*, depois de vencer o «Derby» é conduzido á mão, pelo seu proprietario, sr. Tecio.

por mero diletantismo, as corridas de cavalos favorecem os meios de arejar o seu *snobismo*, de mostrarem as suas *toilettes* e de se exercitarem no *flirt elegante* das grandes capitães europeias.

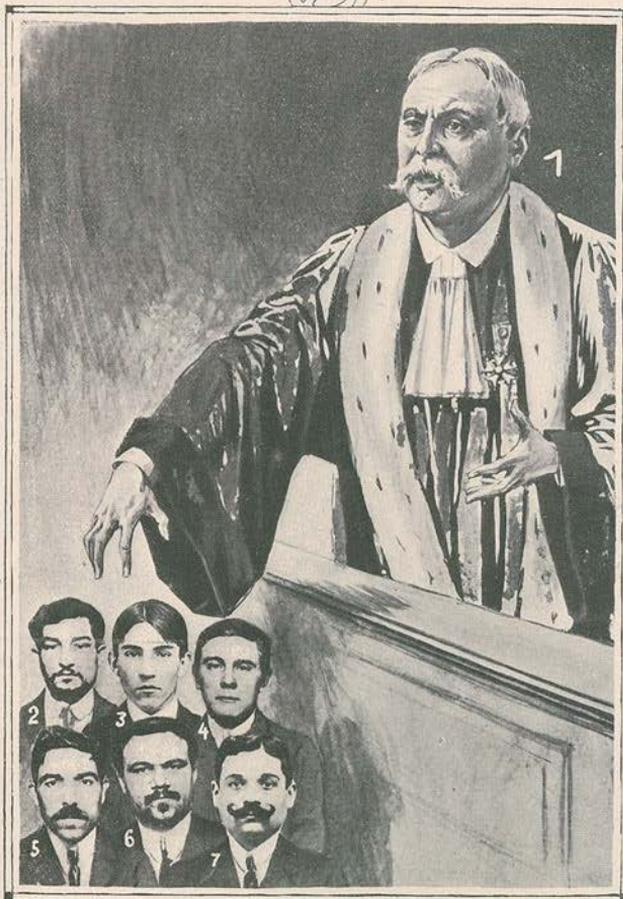
E. Garcia.

A condenação tragicos

dos bandidos de França

Os bandidos tragicos, que deram, por uns dias, a impressão de que Paris estava ainda no tempo de Cartuche, quando os bons burguezes se barricavam nas moradas, foram mais uma vez objeto de todas as atenções. O seu julgamento atraiu mede da cidade; gente das mais altas camadas sociais foi ouvir as peripecias dramáticas d'esses interrogatorios em que eles nararam a sua vida e alguns diziam ter procedido em nome de justiça social.

Na grande cidade, aquele julgamento teve fóros do mais sensacional espetáculo. Imaginava-se que iam surgir homens de mau aspecto e surgiram alguns quasi elegantemente vestidos, pensára-se em ouvir confissões onde o sangue jorrasse em nome da ferocidade e encontraram-se, por vezes, discursos



O ministerio publico, na pessoa do procurador geral Fabre, pedindo a cabeça dos seis principais bandidos. No alto: 2. Medge—3. Soudy—4. Callemm, respectivamente condenados em trabalhos forçados perpetuos e á morte. Em baixo: 5. Monier—6. Carouy—7. Dieudonné, cndenado á morte e o primeiro e o ultimo a prisão perpetua.

inflamados de anarquistas, buscando na injustiça social, a sua justificação.

Durou onze mezes a instrução do processo e levou vinte e tres audiencias, tendo os jurados que responder a trezentos oitenta e tres quesitos sobre os casos de as-

sassinio, roubo, ataque á autoridade, de que os réus eram acusados. O procurador geral Fabre pediu as cabeças dos chefes do bando tragico, Dieudonné, Callemm, Soudy, Monier, Carouy e Medge. Os quatorze advogados de defeza ti-

veram uma enorme tarefa, vendose asoberbados durante tres dias.

Foi pela madrugada que o juri acabou de os julgar. O espetáculo era estranho n'aquella atmosfera de canção na sala do tribunal; a multidão, atenta, escutou a sentença que condenava á morte Dieudonné, Callemm, Mocier e Soudy e a trabalhos perpetuos os seus cúmplices de maior categoria, como Carouy e Medge.

Viuse, na hora em que foram perguntados acerca do que tinham a alegar em sua defeza, um facto singular. Como Dieudonné fosse acusado de ser o assassino da rua Ordener, um dos crimes que mais cul-

pou o grupo dos bandidos, Callemm ergueu-se e declarou que fora ele quem o fizera com Garnier, o terrivel tacinora que, como Bonnot, jámais esquecerá. Carouy, ao ouvir ler a sentença, tomou um veneno morrendo de seguida.



O -PIC-NIC- DOS PASSAGEIROS DO VAPOR

1. Menina Lucinda de Souza Santos—2. Avelino de Souza Santos—3. José de Souza—4. José G. Lopes—5. João de Deus—6. Manuel da Cruz Malpica—7. Filipe F. Gama—8. José M. P. da Rocha—9. R. d'Oliveira Pinto—10. Eugenio J. Estiveira—11. Manuel Monteiro—12. Carlos dos Santos—13. Manuel da Graça—14. José d'Oliveira—15. José Moreira Waddington—16. Alberto A. de Brito—17. D. Maria José—18. D. Laura de S. Santos—19. D. Emilia de S. Santos—20. D. Catarina de Jesus—21. José Lauciano—22. D. Margarida S. Almeida—23. D. Joana F. da Silva—24. D. Desolinda N. Henriques—25. D. Alexandra Cohen e filha—26. D. Mecia R. Afonso—27. Maria do Céo M. da Costa—28. D. Sara M. F. e Almeida—29. D. Adelina C. Almeida—30. D. Umbelina Maria—31. D. Germana Garcia—32. Fernando A. Santos—33. Narcizo da Silva—34. Manuel A. dos San-

-BEIRA- EM RHODES FARM NA CIDADE DO CABO

tos—35. Alfredo Farias—36. Emilio Friaças—37. Armando Bacelar—38. Antodio dos Santos—39. João J. Estevam—40. Alfredo Gonçalves—41. Carlos S. Arrada—42. João da Silva—43. Julio de Moraes—44. Sebastião J. Henriques—45. Cassiano A. Pinto—46. José Cohen Junior—47. José Cohen—48. Alberto C. Pinheiro—49. Sergio S. D. Azedo—50. Manuel Luiz Afonso—51. Valentim C. Carneiro—52. Aurelio Almeida—53. Antonio S. Costa—54. Teofilo F. Stattruiller—55. Frederico S. Martins Almeida—56. Joaquim Fernandes—57. Armando E. Ferreira—58. Joaquim Paradanto—59. Virgílio P. Maia—60. Alexandre M. Salgueiro—61. J. Alves Vianna—62. Manuel da Silva—63. Luiz A. Cardozo—64. José Correia Martins—65. F. Veig Nogueira—66. José de Castro—67. Luiz Maria da Silva—68. alisto José Carranca.